



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE
MEDICINA
LISBOA

TRABALHO FINAL

MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA

Clínica Universitária de Otorrinolaringologia

Literatura e Medicina através dos tempos: o caso Torga

João Eduardo Magalhães de Andrade

Março de 2018

TRABALHO FINAL

MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA

Clínica Universitária de Otorrinolaringologia

Literatura e Medicina através dos tempos: o caso Torga

João Eduardo Magalhães de Andrade

Orientado por:

Dr. Marco Alveirinho Simão

Março de 2018

Resumo

Entender a nossa sociedade e o papel da medicina no mundo contemporâneo só é possível tendo em conta a sua história. A literatura deixada por séculos de investigação e conhecimento são o preâmbulo da medicina moderna e um guia para a compreensão do ser humano nas suas vertentes física, psíquica, social e espiritual. O trabalho tem três grandes objectivos: acompanhar a evolução da literatura médica de relevo desde os primórdios da escrita; entender como a medicina pode ser romanceada e observada de um ponto de vista subjectivo, com ênfase na experiência humana da vida, doença e morte; e analisar a medicina de Torga com base na realidade médica portuguesa da época, investigando a dualidade médico-escriptor. Cumprir estes três objectivos requereu revisão e análise de vários documentos históricos, provas da intelectualidade médica da época, e obras que se dedicaram ao entendimento do homem na sua relação com a Natureza. Ficou claro que a História da Literatura Médica foi influenciada por grandes obras e grandes mestres que souberam estudar o homem no *quantum* da nossa existência, desde as células, moléculas e átomos que nos constituem até ao mais transcendente de nós, a alma humana. Pude concluir que a medicina e a literatura são indissociáveis. A literatura é veículo do conhecimento médico, mas também uma forma nobre de expandir o nosso conhecimento da natureza humana.

Palavras-chave: Literatura; História; Medicina; Escrita; Dualidade médico-escriptor; Torga.

Abstract

Understanding our society and medicine's role on the contemporary world is only possible having in account its history. The literature left from centuries of investigation and knowledge is the preamble of modern medicine and a guide towards comprehension of human being on its physical, psychic, social and spiritual aspects. The theses has three major objectives: to accompany the evolution of relevant medical literature from the beginning of writing; to understand how medicine can be romanced and observed from a subjective point of view, with emphasis on the human experience of life, disease and death; and to analyze Torga's medicine on the grounds of his time portuguese medical reality, investigating doctor-writer duality. Fulfilling this objectives required revision and analysis of various historical documents, proofs of its time medical intellectuality, and works dedicated to the understanding of Men in his relation with Nature. It remained clear that the History of Medical Literature was influenced by great works and great masters that knew how to study Men on the *quantum* of our existence, from the cells, molecules and atoms that we are made to the most transcendent of us, the human soul. I could conclude that medicine and literature are indissociable. Literature is the vehicle of medical knowledge, but also a noble way to expand our knowledge of human nature.

Key-words: Literature; History; Medicine; Writing; doctor-writer duality; Torga.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou electrónico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

O presente trabalho foi escrito segundo o antigo acordo ortográfico

Dedicado à minha mãe,
Cujo amor não conhece fronteiras.

Índice

Resumo/Abstract	3
Índice	7
Agradecimentos	9
Introdução	10
Capítulo I: História da Literatura Médica	11
I.1 Os primeiros registros	11
I.2 A Bíblia como texto médico	12
I.3 Hipócrates de Cós	13
I.4 Celso, <i>De Arte Medica</i>	15
I.5 Galeno de Pérgamo	16
I.6 <i>Regimen sanitatis Salernitanum</i>	17
I.7 Vesálio, <i>De humani corporis fabrica</i>	18
I.8 O racional século XVII	18
I.9 Do século XVIII em diante e o <i>boom</i> da literatura médica.	19
Capítulo II: Médico e Escritor	21
II.1 A importância da literatura em medicina	21
II.2 Medicina retratada nas obras literárias	22
II.2.1 Thomas Mann, <i>A montanha mágica</i>	21
II.2.2 Tolstói, <i>A morte de Ivan Ilitch</i>	24
II.2.3 William Carlos Williams, <i>The doctor stories</i>	25
II.2.4 José Saramago, <i>Ensaio sobre a cegueira</i>	27
Capítulo III: O caso Torga	28
III.1 Biobibliografia	28

III.2 A medicina na escrita de Torga	29
III.3 A realidade médica nos tempos de Torga	31
Apontamentos finais e Conclusões	33
Referências Bibliográficas	34

Agradecimentos

O meu primeiro agradecimento ao Senhor Professor Dr. Óscar Dias, da Clínica Universitária de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, por ter acreditado em mim e me ter confiado uma tarefa tão importante como esta de dar novos mundos ao mundo e de alargar o nosso conhecimento da História e das histórias que nela cabem.

Ao Dr. Renato Nunes e ao meu orientador Dr. Marco Alveirinho Simão, meus mentores.

Estender um agradecimento aos professores, colegas e funcionários que compõem a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, minha *alma mater*.

Um devido agradecimento à minha mãe, pela sua disponibilidade e pelo seu entusiasmo em tudo o que faço, incluindo neste trabalho.

Ao meu pai e à minha família que, de uma maneira ou de outra, estiveram presentes e me apoiaram.

Aos meus professores, cujo ensinamento espero nunca esquecer.

Aos meus amigos de Lisboa, de Santarém, dos Açores e aos semeados por Portugal e além-fronteiras, que sabem o quanto os estimo.

À “Fiata”, não só pela revisão do trabalho, mas pela sua positiva influência na minha pessoa e na minha vida.

À “Lena”, que tanto me tem ajudado.

À “Nanda”, por ter estado presente.

À Dra. Sandra Costa, farol na escuridão.

À minha querida vizinha Ana, pela sua ternura.

À minha prima Luiza, pela sua constante preocupação.

Aos meus novos colegas e mestres do Hospital Distrital de Santarém.

Introdução

A literatura nem sempre acompanhou a medicina. Na verdade, a medicina surgiu primeiro que a literatura. O conhecimento médico nos primórdios da Humanidade era passado por tradição oral, sem qualquer registo em pedra, papiro ou pergaminho. Sabemos efectivamente que os primeiros *homo sapiens* faziam trepanações, talvez para aliviar a pressão intracraniana resultante de um traumatismo, e que tratavam fracturas através de métodos grosseiros de redução e imobilização, embora não houvesse ainda qualquer registo escrito desses procedimentos. Quando o Homem aprendeu a escrever, passou a assentar o que sabia, as suas orações, os seus ritos, as suas fórmulas e os seus pensamentos. Escrever era uma forma de comunicar à distância, física e temporalmente. Uma forma de comunicar entre exércitos, uma forma de reverenciar os deuses ou uma maneira de entregar às gerações vindouras o conhecimento do mundo tido até então.

A Literatura, o conhecimento e a Medicina evoluíram. Grandes homens escreveram grandes obras, que marcaram a História da Literatura e da Medicina. O *logos* e o *pathos* surgiram. O racional e o emocional. Um médico não era bom médico se excluía um dos dois. Começaram-se a esboçar a conduta médica, a ética, as boas práticas clínicas. Surgiu a preocupação com o sentimento e com a realidade interior de cada um de nós. O ser humano teve necessidade de refletir sobre os seus conflitos internos, as suas preocupações e as suas angústias, as suas dúvidas, as suas hesitações, o que está bem e o que está errado. A presente tese pretende acompanhar e explorar um tempo de evolução médica, entender de onde viemos e para onde vamos, o que nos preocupou e o que nos preocupará. Quais os textos, as obras e os romances que marcaram a Medicina e a Literatura e como são afinal estas relações médico-doente, doente-doença e doente-morte.

Capítulo I: História da Literatura Médica

“A História da Medicina é uma história de vozes. As vozes misteriosas do corpo: o sopro, o sibilo, o borborigmo, a crepitação, o estridor. As vozes inarticuladas do paciente: o gemido, o grito, o estertor. As vozes articuladas do paciente: a queixa, o relato da doença, as perguntas inquietas. A voz articulada do médico: a anamnese, o diagnóstico e o prognóstico. Vozes que falam da doença, vozes calmas, vozes revoltadas. Vozes que se querem perpetuar: palavras escritas em argila, em pergaminho, em papel. Vozerio, corrente ininterrupta de vozes que fluem desde tempos imemoriais.”

in A paixão transformada, Moacyr Scliar (10)

I.1 Os primeiros registros.

Não existe nenhum texto que marque ou registre o nascimento da medicina. A necessidade de tratar as doenças é muito anterior ao desenvolvimento da escrita, de maneira que sabemos pouco sobre aqueles que enfrentaram primeiro a doença e a morte. Os primeiros médicos eram, na verdade, xamãs, feiticeiros. A sua função era a de exorcizar os maus espíritos que causavam a doença e de trazer ao padecente os bons espíritos que proporcionavam a cura. Como se pode entender, estes feiticeiros eram extremamente reverenciados nas sociedades primitivas, às vezes até temorizados. Tinham o poder de dar a vida e de expulsar a morte e de lidar com o sobrenatural. (10)

Os primeiros registros da medicina remontam aos povos antigos do Egito, da Síria, da Mesopotâmia e da China. Papiros médicos e numerosas inscrições funerárias retiradas das colunas ou paredes dos túmulos egípcios são testemunho das práticas médicas da altura. Na China, entre 2698 e 2598 a.C., o imperador chinês Huang-ti descreveu, pela primeira vez, num tratado médico, o *Nei-ching* ou *Nei-tsing*, a hierarquia orgânica:

“O coração é o rei, os pulmões, os ministros, o fígado, o general, a vesícula, a justiça.”

Sendo o estudo de cadáveres proibido nestes tempos, o Nei-ching não é rico em conhecimento anatómico, mas já faz uma descrição elementar da circulação. Outro tratado pioneiro chinês foi o *Hsi yuan lu*. Escrito por volta de 1240 a.C., elaborava as questões da medicina legal, instruía sobre o exame *post-mortem* e estabelecia critérios para homicídio e suicídio. Nele estavam descritos antídotos e venenos e orientações para a respiração artificial. (10) (12)

Um dos livros mais importantes da cultura oriental é o Ayurveda (que significa Veda – conhecimento – da longa vida), que surgiu entre 2000 a 1500 a.C.. No auge da medicina clássica hindu surgem o *Charaka Samhita* e o *Susruta Samhita* que se ocupa mais de cirurgia. Estes textos são ainda influenciados pela religião e a ética e representam uma fusão das práticas racionais com outras de natureza mística. Susruta listou cerca de setecentos remédios vegetais numa extensa farmacopeia, alguns dos quais adoptados pelo Ocidente, como um dos primeiros anti-hipertensores. Nos textos hindus perpassava a preocupação com as epidemias de malária, varíola e cólera. Não faltavam observações irónicas e poéticas como:

“O período menstrual é o mais fértil, porque então a boca do útero se abre, como o lírio aquático aos raios do sol.”

Na Mesopotâmia, por volta de 1700 a.C., é escrito o código de Hamurabi onde constam os honorários dos médicos da época e os castigos pelas suas más práticas, tipos de operações e tratamentos. As civilizações entre o Tigre e o Eufrates evoluem em termos de arquitectura e arte, matemática e astronomia, mas ficam aquém no domínio da medicina, prevalecendo crenças sobre castigos divinos, possessões demónicas e métodos divinatórios. (10)

I.2 A Bíblia como texto médico.

“O Senhor falou a Moisés e Aarão dizendo: quando alguém tiver na pele algum tumor, pústula ou erupção da pele com aparência de lepra, será levado ao sacerdote Aarão ou a um dos seus filhos sacerdotes.”

Versículo 2, Capítulo 13, Levítico

Segundo o Antigo Testamento a doença é a maneira pela qual Deus castiga os pecadores e os inimigos do Povo Eleito. As pragas do Egito eram formas de punir os filisteus e incluíam tumores e peste. A Bíblia fala da higiene corporal, do uso de roupas e alimentos. Estaria a proibição de carne de porco associada ao problema da triquinose? E a circuncisão ao cancro do pénis e às doenças sexualmente transmissíveis e à fimose? No Judaísmo dá-se mais importância à prevenção do que à cura, a Deus do que aos médicos. Jó é testado com “chagas malignas” por todo o corpo, mas prefere recorrer a Deus, por não acreditar em “charlatões”. (10)

No Novo Testamento, Jesus é o derradeiro taumaturgo, que realiza curas milagrosas, que dá visão aos cegos, a fala aos mudos, a marcha aos aleijados, que dá vida a Lázaro. Enquanto o Antigo Testamento trata da saúde pública, o Novo Testamento introduz a medicina curativa, individual. O Cristianismo e a Bíblia celebram curas milagrosas, como as de Cosme e Damião. A água do baptismo é chamada de *Aqua medicinalis*. (10)

A Igreja passa a tratar dos enfermos, surgem os primeiros hospitais, mas o progresso médico fica estagnado. A anatomia não se estuda porque é proibido dessacralizar o corpo morto e a fé continua a ser o grande instrumento de cura. (10)

I.3 Hipócrates de Cós

“Amar a Medicina é amar a Humanidade.”

Aforismo de Hipócrates

É com Hipócrates que a medicina ganha alguma racionalidade, sobrepondo-se às crenças religiosas e práticas mágicas em vigor até então. Tal como Sócrates está na origem da filosofia, Hipócrates está na da medicina racional. Os livros de Hipócrates reflectem as teorias de alguns filósofos naturalistas, sendo possível que não tenha sido ele próprio a criar todas as fórmulas farmacêuticas. Crê-se que os médicos egípcios, conhecidos pela sua capacidade de observação e pela sua experiência tenham influenciado os clínicos gregos na utilização das suas técnicas. Macaon, Podalire e

outros clínicos nomeados que tratam as feridas como profissionais laicos influenciam a medicina de Hipócrates. (12)

A partir da alta Idade Média, os médicos trocam entre si um conjunto de textos, sob o título de *corpus hippocraticum* suscetíveis de lhes dar uma ajuda na prática do seu ofício. Algumas destas obras crêem-se ser da autoria de Hipócrates, outras apresentam-se como notas clínicas desordenadas semelhantes àquelas que os médicos tiram ainda hoje no decorrer das suas visitas e consultas. Os aforismos de Hipócrates serão ensinados até ao século XVIII e até ao século XIX os professores continuarão a estabelecer fórmulas fáceis de reter à semelhança de Hipócrates. Acredita-se que estes textos não tenham sido escritos exclusivamente por Hipócrates, nem sobretudo na mesma época. (12)

De entre os aforismos de Hipócrates, salientam-se os seguintes:

- I. “A vida é curta, a arte é longa, a ocasião fugidia, a experiência enganadora, o juízo difícil. É necessário não só fazer aquilo que é conveniente, mas também esforçar-se para que o doente, os assistentes e as circunstâncias externas se conjuguem.”
- II. 7: Restaurar devagar os corpos lentamente emagrecidos e rapidamente os corpos emagrecidos em pouco tempo.”

22: As doenças que resultam da plenitude são curadas por evacuação, as provenientes da vacuidade por repleção e, em geral, os contrários pelos contrários.

44: As pessoas naturalmente muito bem nutridas estão mais expostas a uma morte súbita do que as magras.

V. 6: Aqueles que são vítimas de tétano, morrem em 4 dias; se ultrapassarem este limite curam-se.

7: A epilepsia que aparece antes da puberdade é suscetível de cura. Mas aquela que surge aos 25 anos, habitualmente resiste até ao fim da vida.

46: Aqueles que se tornam corcundas em consequência de asma ou de tosse antes da puberdade morrem.” (6)

Um dos principais textos atribuído a Hipócrates, mas que não terá sido provavelmente por ele redigido, é o Juramento de Hipócrates. Ressalvo das palavras de Hipócrates os seguintes códigos de conduta:

“Colocarei o meu mestre de medicina no mesmo lugar que os autores dos meus dias, partilharei com ele o meu saber e se for necessário satisfarei as suas necessidades; os seus filhos serão meus irmãos e, se quiserem aprender medicina, eu ensinar-lha-ei sem qualquer salário ou contrato. Partilharei os preceitos, lições morais e restantes ensinamentos com os meus filhos, os do meu mestre e os discípulos ligados por um compromisso e um juramento de acordo com a lei médica, mas com mais ninguém.”
(12)

Subjacente a este primeiro parágrafo do Juramento de Hipócrates está a disrupção da ideia da medicina como uma franco-maçonaria e a obrigação do detentor de conhecimentos médicos de os transmitir às gerações vindouras, como uma passagem de testemunho. À semelhança de Hipócrates, ver-se-á em momento oportuno desta tese que Torga atribui aos médicos esta qualidade de irmãos, ajuramentados de uma ordem sagrada, uma espécie de corporação de visão restrita e conservadora. Noutros parágrafos deste juramento apela-se à igualdade dos homens perante o sofrimento e a doença e define-se, pela primeira vez, a regra do sigilo médico. (12)

I.4 Celso, *De Arte Medica*

Poucos serão os médicos que não reconhecem os quatro sintomas cardinais de Celso (53 a.C. a 7 d.C.): o rubor, o calor, o tumor e a dor. Redigido em latim *De Arte Medica*, de Celso, um patrício romano, é o primeiro manuscrito que se destaca dos tradicionais textos gregos. Constitui a primeira obra completa sobre a profissão médica. Celso lista as patologias, até então conhecidas, e separa-as em três categorias: as que se curam por meio de um regime, as que se tratam por medicamentos e as que necessitam de uma intervenção cirúrgica. Estabelece, assim, a primeira taxinomia médico-cirúrgica. Infelizmente, *De Arte Medica* é eclipsada pelas obras de Galeno. Merece referência

neste entretanto Areteu da Capadócia, médico grego, que descreveu nos seus textos a asma, a diabetes, o tétano e a epilepsia com grande acuidade para a altura. (11) (12)

I.5 Galeno de Pérgamo

Galeno destaca-se como a grande personalidade do século II. Estima-se que terá escrito quatrocentos tratados médicos, apesar de muitos dos seus textos não terem chegado aos nossos dias. Galeno terá seguramente sido o mais genioso médico investigador do período romano, embora vaidoso e fanfarrão. As suas teorias prevalecem e influenciam a Medicina por mais de um milénio. É o pioneiro da vivisseção e o pai de grandes descobertas anatómicas, fisiológicas e patológicas. A título de curiosidade distingue veias de artérias, propõe que o cérebro seja o controlo do corpo, classificando os nervos em sensoriais e motores, e demonstra que os rins processam a urina e que a laringe é responsável pela voz. Adota a teoria de Hipócrates sobre os quatro humores: o sangue, a linfa, a bÍlis amarela e a bÍlis negra; e as suas teorias são objecto de estudo até ao século XIX. O termo “faculdades mentais” vem das “faculdades” que Galeno chamava aos processos orgânicos. (10) (12)

A Medicina atravessará um período obscuro desde o fim do Império romano até à Idade Média mediterrânica. É um período de estagnação em que o homem nada terá descoberto ou criado. É uma época de crendices e superstições, do mito da mandrágora e da magia do “abracadabra” (palavra escrita num pergaminho pendurado ao pescoço que se dizia afastar as doenças). Surge o toque real que cura doenças e apazigua os espíritos. Numerosos documentos perdem-se e aqueles a que temos acesso são difíceis de interpretar. Não negamos que tenha havido alguma evolução na Medicina, mas terá sido penosamente lenta. (10) (12)

I.6 *Regimen sanitatis Salernitanum*

A escola de Salerno, nesse pequeno porto do Sul da Itália, terá sido a instituição mais importante na prática e evolução da Medicina do século XI. Nela confluem médicos, que ensinam em italiano, grego, latim e árabe e estudantes de várias partes da Europa e do Próximo e Médio Oriente, que discutem os textos antigos e abrem caminho a novas ideias médicas. Desta escola sai uma obra qualificada de Tratado de Higiene, a *Regimen sanitatis Salernitanum*. Esta corresponde a uma série de regras de boa saúde. Trata da alimentação, do modo de vida, da actividade sexual e da moderação em todos os domínios (12):

“Respira um ar sereno, brilhante de pureza,
Do qual nenhuma exalação turve a clareza;
Evita os odores infectos e vapores deletérios
Que sobem dos esgotos e empestam a atmosfera...
Queres dos teus prazeres prolongar o sucesso?
Do vício e da mesa evita o excesso...
Se o mal é insistente, cabe à arte reagir:
Mais que curar o mal, a arte deve prevenir.
O ar, o repouso e o sono, o prazer e a comida
Preservam a saúde do homem, saboreados com medida:
O abuso torna em veneno este bem inocente
Destruindo o corpo e turvando a mente...” (2)

Não só o *Regimen Sanitatis Salernitanum*, mas também outras obras são produzidas nesta escola. Entre elas se destaca um dos primeiros tratados de ginecologia e obstetrícia, escrito por Trotula ou Trota, uma das primeiras mulheres influentes da medicina. (12)

I.7 Vesálio: *De humani corporis fabrica*

O século XV representa uma viragem de página na História universal. Questionam-se velhas concepções, conquistam-se novos mundos, desenvolve-se a imprensa e nasce, em Itália, a grande corrente de pensamento na viragem do século, o Renascimento. Em 1477, são impressos os primeiros livros médicos em alemão. Redescobre-se o corpo humano e nascem os grandes anatomistas que o reproduzirão de uma forma ousada e única. Dá-se importância ao nu e brilham trabalhos como o de Leonardo da Vinci, onde o homem bem proporcionado é símbolo da beleza ideal. (12)

Entre os diversos livros de gravuras, nenhum será tão importante como o *De humani corporis fabrica* de Andreas Vesálio (1514-1564), um belga que terá estudado em Paris e se apaixonado pela dissecação, desde criança. Obra editada em Basileia, é conhecida como sendo anti-galénica e ultrapassa a dos seus antecessores pela procura de racionalidade e de verdade. Vesálio preocupa-se em estabelecer uma nomenclatura anatómica pormenorizada, dando nome a órgãos até então não identificados, inspirando-se, porém, em autores antigos, árabes, gregos e sobretudo latinos. A obra de Vesálio não está, contudo, isenta de erros. Serão necessários mais alguns séculos de aperfeiçoamento do seu trabalho. (10) (12)

O Renascimento é o embrião de outras obras importantes, como *De occulta philosophia* de Agrippa von Nettesheim, *A Anatomia* de Charles Estienne, *A Cirurgia*, de Franco, *Observações Anatómicas* de Falópio, *Tratado da Peste* de Ambroise Paré, *O Livro* de Varólio sobre os nervos e *Plantas Medicinais* de Cesalpino. (10) (12)

I.8 O racional século XVII

O século XVII constitui um período em que as discussões de ordem metafísica dão lugar à razão e ao materialismo. Doravante só é racional o que se verifica, se analisa e se palpa. Surge a experimentação de Francis Bacon (1521-1626) e a observação de Isaac Newton. Descartes idealiza o organismo humano como uma máquina

aperfeiçoada, mas ainda atribui o seu funcionamento a misteriosos espíritos animais. (12)

A grande literatura médica de referência do século XVII é, sem dúvida, *A Exercitatio anatomica de motu cordis et sanguinis in animalibus* de William Harvey (1628). Nesta é feita a grande descoberta do século, que irá alterar todas as ideias tradicionais do homem no que ao seu corpo toca: a circulação sanguínea. William Harvey, ignorando as ideias dos seus antecessores, descreve a maneira como o sangue circula no organismo, reconhece a grande e a pequena circulação, comprova que o coração é o grande reservatório motor do sangue e não o fígado. Com Harvey faz-se uma reavaliação da teoria dos quatro humores de Hipócrates e os fundamentos da terapêutica que tinham perdurado por gerações são submetidos a novas questões. Pela sua importância, merecem ainda destaque as seguintes obras: *Observações sobre a esterilidade, os partos e as doenças das mulheres* de Louise Boursier; *Dissertação anatómica sobre a circulação do sangue* de Jean Pecuet; *Tratado do coração* de Richard Lower e *Farmacopeia Universal* de Lémery. (12)

I.9 Do século XVIII em diante e o *boom* científico do século XX.

O século XVIII é um prolongamento, em diversos aspectos, do século XVII. A química e a física, as ciências exactas, o gosto pela experimentação são cada vez mais evidentes nas obras médicas da altura. A medicina laiciza-se. As ciências afastam-se, a pouco e pouco, da metafísica. O filósofo do século XVIII torna-se céptico, mas ainda não descrente. A efervescência intelectual aumenta na segunda metade do século XVIII com o nascimento da Medicina das Luzes. (12)

O filósofo La Mettrie (1709-1751), na sua obra *L'Homme Machine*, reduz o homem a um objecto, mas a maioria dos intelectuais da época não está tão seguro da simplicidade da sua teoria. A comunidade científica divide-se entre mecanicistas e vitalistas. O químico Georg Stahl reconhece que as teorias mecanicistas não tomam em consideração a vida, a “alma sensível” (*anima*) que rege todas as trocas que se realizam no interior do corpo impedindo a morte. (12)

No século XVIII nascem obras como *Cadernos Anatômicos*, de Morgagni, *Livro sobre o Coração*, de Vieussens, *Tratado dos partos*, de Dionis, *Tratado dos Dentes*, de Fauchard, *Elementos de Fisiologia* de Von Haller, *Tratado das Doenças da Pele*, de Anne Charles Lorry, o primeiro de saúde pública, *Sistema de Política Médica*, de Johann Peter Frank, *Tratado dos Partos*, de Baudeloc, *Nosografia Filosófica*, de Pinel e *Tratado das Membranas* de Bichat. (12)

A medicina torna-se verdadeiramente científica no século XIX com a conversão anátomo-clínica que dura aproximadamente 20 anos até à medicina do laboratório. Aparecem vários livros em cujos títulos figura a palavra “racional”. Desenvolve-se a microbiologia e a micropatologia. A natureza “expande-se”, do macro para o micro. No século XX descobrem-se os Raios-X, desenvolvem-se os soros e as vacinas de Pasteur e de Koch, a imunologia de Jules Bordet, investigam-se os enzimas, as vitaminas e as hormonas e a luta contra as infecções torna-se premente com o advento da primeira e segunda guerra mundiais. A segunda metade do século XX trará uma explosão de saberes e técnicas. O estudo dos átomos, das moléculas e dos genes estão na base da medicina moderna que se serve da evolução de outras áreas da ciência como a física, a química, a engenharia e a electrónica. A partir daqui assiste-se a um frenesim de estudos e de criação de nova literatura médica que perdura até aos dias de hoje. (12)

Capítulo II: Médico e Escritor

II.1 A importância da literatura em medicina

Apesar do médico estar, por um lado, altamente vocacionado e habilitado para o diagnóstico perspicaz e terapêutica eficiente do doente, parece, por outro, estar mal preparado para reconhecer humanamente o seu sofrimento. Esta tomada de consciência parece ter, no entanto, acordado a sociedade médica americana, nos inícios da década de 70, para a necessidade de compreender o doente como um todo e aliar à formação base o estudo das humanidades e da literatura. (2)

O lugar da literatura e da ciência na formação do médico parece ter despertado um longo debate que nos precede desde a era vitoriana. Thomas Huxley e C.P. Snow defendiam que a ciência e a literatura eram disciplinas antagónicas e que a primeira iria inevitavelmente substituir a segunda. O que sabemos hoje é que a literatura e os estudos literários permitem escutar com mais atenção a narrativa do doente e compreender a doença e o tratamento na sua perspetiva. Em último caso este entendimento permite entrevistar melhor o doente, chegar a diagnósticos mais concretos e estabelecer alianças terapêuticas mais duradouras. (2)

Em 1994, aproximadamente 1/3 das escolas médicas dos E.U.A. ensinavam literatura aos seus alunos, muitas vezes sob a forma de cursos e *workshops* de escrita, formações em literatura para pré-graduados e jornais e sociedades profissionais. (2)

Os seguintes contributos da literatura permitem o desenvolvimento humano da medicina (2):

- 1) Aprendizagem de lições valiosas sobre a vida das pessoas doentes;
- 2) Entendimento do poder e das implicações do trabalho do médico;
- 3) Compreensão das histórias dos pacientes através do conhecimento narrativo;
- 4) Adopção de atitudes ética e longitudinalmente louváveis e adequadas;
- 5) Visão ampliada do trabalho do médico e dos seus vários papéis.

II.2 Medicina retratada nas obras literárias

“A medicina é a minha esposa legítima e a literatura a minha amante.”

Anton Tchekov

São incontáveis as obras e textos que tentam vivificar o quotidiano do médico ou trazer à luz do dia a experiência humana da vida, doença e morte. Na verdade, são tantos os escritos de autores médicos ou não médicos que o tentam, que seria impossível para o propósito desta tese explorá-los a todos. Seleccionei por meu cuidado 4 obras entre as muitas com que me deparei na minha pesquisa. São elas: *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstoi; *The Doctor Stories*, de William Carlos Williams e *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago.

II.2.1 Thomas Mann, *A Montanha Mágica*

A Montanha Mágica (do alemão *Der Zauberberg*) de Thomas Mann é um dos romances mais influentes do século XX e valeu ao autor o Prémio Nobel da Literatura em 1929. O enredo desenvolve-se à volta de um jovem engenheiro naval alemão, Hans Castorp, que visita o seu primo Joachim Ziemssen num sanatório em Davos, nos Alpes suíços, pouco antes do começo da Primeira Guerra Mundial. Muito embora a sua visita seja apenas para encontrar o seu primo e curar uma anemia, Castorp acaba por contrair tuberculose e ficar mais tempo do que o previsto, afastando-se da carreira e da família para mergulhar na introspecção da doença, da morte e do suicídio. (7)

Mann criou um romance monumental que expressa o seu intuito de diagnóstico e cura do nosso mundo doentio. O autor afirma com a sua obra o poder humanizador da doença, experiência limite que nos desliga da Natureza e aproxima o homem do seu grau mais alto. (8)

“Pois, indo longe demais para dizer que a doença é espírito ou (o que seria muito tendencioso) que espírito é doença, então estas noções têm muito em comum entre

si. É que espírito é orgulho, é subordinação emancipadora (este termo, tomado no sentido puramente lógico, como também no sentido belicoso) em relação à natureza, é desligamento, afastamento e alheamento dela; espírito é aquilo que, de todo o restante da vida orgânica, distingue o homem, este ser desligado em alto grau da natureza, oposto a ela em alta escala, e a questão aristocrática é que, quanto mais doente estiver, será homem em grau mais alto. Pois o que seria a doença senão um desligamento da natureza? (...) Não foi Nietzsche quem chamou o homem de ‘animal doente’? E não quis dizer, com isso, que o homem só neste caso é mais que animal, quando está doente? Espiritualmente, pois, a dignidade do homem baseia-se na doença, e o gênio da doença é mais humano do que o da saúde.” (8)

Mann crê que é preciso adoecer em relação à sociedade e aos seus valores egoístas para alcançar a saúde mais elevada. A doença é vista como purificação, como manifestação da dignidade do homem. Este processo de cura pela doença é o que chamamos de individuação, o rompimento e transgressão das normas desumanas que fundam a vida na nossa sociedade. (8)

Enquanto o Cristianismo desconhece a santidade da transgressão, renegando-a ao mundo profano, Mann considera que é do pecado que se deve obter o poder e o sentimento do sagrado, algo herético em termos cristãos. Mann afirma que o seu romance é um rito de iniciação por crer na doença e na morte como passagem necessária para a humanização do homem. (8)

A individuação, ou a cura pela doença apresentada por Mann é um processo doloroso e difícil cujos mistérios poucos descobrirão. A salvação da Humanidade será sempre empreendida por uns poucos seres marginais. Na nossa sociedade a situação existencial do artista ou gênio é incomparavelmente mais miserável do que a do xamã. A sociedade moderna não se quer curar porque o seu alicerce repousa na doença, na submissão à vontade, no egoísmo que construiu a sociedade esquizofrênica. Há uma ironia amarga na ideia *manniana* de que a Humanidade se espiritualiza e se cura através dos “doentes”, das pessoas que se vêem obrigadas a suportar nos nossos dias a maior das dores: a da individuação. O isolamento e a solidão que a caracterizam equivalem a uma morte social. Assim, o iniciado *manniano*, ou individuado, cura-se em

relação à sociedade, mas permanece um doente aos olhos da organização social doentia. (8)

“O sintoma da doença nada é senão a manifestação disfarçada da potência do amor; e toda doença é apenas amor transformado.” (8)

II.2.2 Tolstoi, *A morte de Ivan Ilitch*

A famosa novela *A morte de Ivan Ilitch* de Liev Tolstoi não é mero produto da imaginação. De facto, a obra baseia-se na morte de um conhecido amigo do autor chamado Ivan Ilitch Mietchnikov. Ivan Ilitch (personagem, como será entendido doravante) é o arquétipo do homem superficial, juiz respeitado que casa com a sua esposa por dinheiro e beleza e muda-se para outra cidade onde compra um apartamento para si e para a sua família. Durante a decoração da casa, Ivan cai e magoa-se num rim. A partir daí desenvolve-se uma doença que nunca chega a ser diagnosticada e que o leva a uma profunda reflexão sobre a vida e a morte. (1)

A vida de Ivan Ilitch como demonstra Tolstoi, não importa. Muito mais interessante é especular acerca da doença que o acometia. O “rim flutuante” sugere um órgão separado do corpo, perdido num mar de células, como Ivan estava dissociado do mundo real. O apêndice inflamado reporta à inutilidade da personagem que ao ser acometida pela doença se torna real perante a morte. (13)

Depois da consulta, Ivan conclui que está mal e que, “para o doutor, e quiçá para todos os outros, tanto fazia que ele, Ivan Ilitch, estivesse mal”. A personagem refugia-se da doença e afasta-a, ao princípio, assegurando-se de que tudo irá passar, tomando medicamentos, mas a angústia cresce à medida que a realidade se embrenha na mente de Ivan. Nenhum artifício, outrora útil para Ivan (os jogos de cartas, os bibelôs da casa), o consegue salvar das vorazes dores da enfermidade. A morte humaniza Ivan, aproxima-o da experiência humana que contrasta com a sua vida passada e a sociedade desumanizada e animal que o rodeia e que prefere ignorar a morte. (1) (13)

Mais próximo do desfecho inevitável do moribundo Ivan Ilitch, surge a personagem que o fará sentir mais próximo de Deus. Guerassim, o rapaz do campo que faz pela

personagem aquilo que ela já não pode fazer por si, limpando os seus dejectos, com toda a humildade que não encontra nas suas visitas cada vez mais escassas, que se descartam com desculpas cada vez mais inverosímeis e escandalosas, deixando-o desapontado. Dada a sua humanidade, Guerassim consegue fazer aquilo que nenhum médico conseguira: amenizar as dores físicas e as dores morais da personagem. Guerassim recusa-se a compactuar com a mentira que rodeia o seu patrão, já que não se admitia a inevitabilidade da sua morte. (1) (13)

Dias antes da sua morte, Ivan Ilitch apercebe-se de que mais do que a morte é a vida e o amor que importa no último capítulo da sua história. “Quanto mais o homem ama, mais real ele se torna”. (1)

II.2.3 William Carlos Williams, *The doctor stories*

William Carlos Williams, vencedor de um Pulitzer Prize e conhecido poeta modernista, inovou, de uma forma *sui generis*, a prosa e poesia através dos relatos fidedignos do seu quotidiano como médico e artista. Williams dizia: “As a writer I have been a physician, and as a physician a writer”. (9). Tendo vivido na primeira metade do século XX, quando mudanças dramáticas na política, ciência e educação e na percepção da identidade viraram a página da História da Humanidade, Williams queria também refazer a própria poesia. O desafio a que o escritor se comprometeu com os seus leitores, o de escrever sobre e para as pessoas, é paralelo a outro desafio fulcral para a vida de William e os seus escritos: o da relação entre médico e paciente. (5)

Williams trabalhou como médico de família na socio-economicamente eclética Nova Iorque, nos subúrbios de Rutherford, Nova Jérsei. Durante a sua carreira Williams conheceu pacientes que eram, não raras vezes, pobres, iliteratos, amedrontados e, às vezes, mudos ou agressivos, factores que lhe dificultavam a sua comunicação com os outros. As histórias médicas de Williams deixavam perpassar conflitos entre dois lados da medicina: o profissional e interpessoal. Estes dois elementos colidiam, formavam uma série de sub-conflitos entre a objectividade e a emoção, o físico e o mental. Grande parte da sua obra decorre sob estas tensões fruto da relação médico-doente.

O conflito primário, que Williams explora nestas histórias, é o da observação objetiva com o comprometimento emocional. (5)

Jean Beicke, uma das histórias mais famosas de Williams, explora detalhadamente o conflito de um médico entre a objectividade e a empatia. Nesta, o narrador trabalha num hospital, tratando de crianças pobres oriundas de condições horrendas. Ele descreve a chegada dos pacientes: “(...) stinking dirty (...) almost dead sometimes just living skeletons, wrapped in rags, their heads caked with dirt, their eyes stuck together with pus and their legs all excoriated from the dirty diapers.”. Neste ambiente emocionalmente desafiante, o narrador-médico mostra uma cara fria e distante, que James Breslin descreve como “distanciamento clínico”. Este comportamento é visto como um mecanismo para lidar com o horror, a tragédia e a complexidade do mundo, recusando-se a sentir empatia/ver-se no outro e o outro ver-se nele próprio. O narrador descreve os seus pacientes de uma forma áspera, reduzindo-os a meros espécimes clínicos, como se vê nesta observação: “Give it an enema, maybe it will get well and grow into a cheap prostitute or something”. É a pequena Jean que, ao chegar ao hospital, suscita a admiração e a simpatia do médico. Gradualmente, no decurso da sua estadia, o narrador vai-se sentindo emocionalmente próximo da criança, acabando por chocar com a sua mentalidade científica e distante. (5) (15)

Não raras vezes, o narrador centra-se na descrição dos procedimentos médicos de diagnóstico e tratamento, focando-se nos seus sintomas e não na sua personalidade. São exemplos: “(...) some thought of meningitis – perhaps infantile paralysis (...)”, “(...) we didn’t want her to go through the night without at least a lumbar puncture. (...)” e “(...) I made it out to be a case of bronchopneumonia with meningismus but no true involvement of the central nervous system (...)”. Estes detalhes científicos reduzem Jean a um objecto. Quando se torna clara a gravidade da doença de Jean, a necessidade do médico se distanciar da paciente cresce. O narrador presume até “(...) we all expected her to die from exhaustion before she’d gone very far. (...)”. (5) (15)

Quando Jean finalmente morre, o médico começa por descrever os seus sentimentos como frustração pela sua derrota contra a doença, mas torna-se claro mais adiante, que esta fachada fria e desumana esconde e choca com uma emoção triste e de desalento que existe dentro dele. Depois de descrito o fenómeno da morte, o médico

descerimonializa-a dizendo “(...) Anyhow, she died. (...)”. Para Williams, a morte não era sinónimo de tragédia. A morte era um mero processo biológico. (5) (15)

Outras histórias de Williams debatem esta dualidade da relação médico-doente, da mente e do corpo, do emocional e do físico. Exemplo disso é *Mind and Bodie, The girl with the pimply face* e poemas como *Confort* e *The dead baby*. (5) (15)

II.2.4 José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*

Embora esta não seja uma obra que esteja orientada para a interpretação da vida médica ou da doença *per si*, é uma obra que nos questiona sobre a possibilidade de vivermos num mundo sem imagem, sem visão, acometida por uma doença fictícia. A cegueira branca, como é designada na obra, dá-nos uma perspectiva de como seria o nosso mundo moderno sem o constante bombardear de imagens, renegado para o afinamento de outros sentidos e a procura do porquê da nossa existência. (9)

O mundo de hoje é um mundo de imagem e de signos, altamente visual, altamente imagético, mas sem a observação, o olhar, o reparo que nos permite ver além do visível, o invisível da essência humana e da natureza que o rodeia. No mundo de hoje é fácil misturar o público com o privado, da maneira como a televisão, a internet e os telemóveis se imiscuem no nosso quotidiano. Será o fruto de uma era global? Sem dúvida. Nunca estivemos tão perto da devassa da privacidade e da identidade como estamos hoje. Deixamos de ser indivíduos para ser divíduos, seres que partilham a sua vida, doam partes do seu ser ao mundo através de uma fotografia no Instagram® ou um *post* no Facebook®. (11)

A cegueira branca é diferente da real amaurose, não é apenas a ausência de luz, um véu negro que cobre o mundo, mas sim o ofuscar de uma luz branca como “um sol no nevoeiro”. Um sol que é símbolo do iluminismo, fundamentado na razão e afastado da sensibilidade humana. É uma visão irmã da visão dos homens da alegoria da caverna de Platão, que ao sair para o exterior, deixam de ver as sombras projetadas na parede e passam a ver a realidade tal como ela é, cegando “numa brancura densa, uniforme, como se estivessem num mar de leite”. (9) (11)

Capítulo III: O caso Torga

III.1 Biobibliografia

Adolfo Correia da Rocha (mais conhecido pelo pseudónimo Miguel Torga) nasce em São Martinha de Anta, Vila Real, a 12 de agosto de 1907. De origens humildes, vai para o Porto aos 10 anos trabalhar em casa de familiares como porteiro, moço de recados, ajudante de jardinagem, entre outras tarefas menores. É mandado em 1918 para o seminário de Lamego onde estuda Português, Geografia, História, Latim e os textos sagrados. Um ano depois decide não ser padre.

Em 1920 parte para o Brasil com o intuito de trabalhar na fazenda de café de um tio em Minas Gerais e, passados cinco anos, regressa a Portugal acompanhado do familiar que, ciente da inteligência do sobrinho, se prontifica a pagar os estudos em Coimbra. Estuda três anos no Liceu e em 1928 matricula-se na Faculdade de Medicina dessa cidade. Conclui o curso em 1933 e, até essa altura, escreve e publica os seus primeiros livros de poemas. Inicia a *praxis* médica na sua terra natal, São Martinho de Anta e, em 1934, publica o livro “A Terceira Voz” onde passa a usar o pseudónimo conhecido por todos. Muda-se para Coimbra em 1940. Abre consultório no Largo da Portagem, nº. 45. Aí exercerá a especialidade de otorrinolaringologia durante mais de cinquenta anos.

Torga é um homem reservado, que não dá autógrafos, não gosta de agitação e protagonismo e se mantém afastado dos movimentos políticos e literários. Vai todos os dias ao consultório, de eléctrico ou de *trolley*, passando primeiro pela tipografia ou pelas livrarias da Baixa, detendo-se na Central e mais tarde no café Arcádia, onde se junta a uma pequena tertúlia. O consultório, com vista sobre o rio e a cidade, funcionará como uma espécie de “janela” sobre o mundo. É um lugar eleito de escrita, especialmente nos últimos anos, quando tem menos doentes. Aí receberá jovens poetas que o procuram, admiradores conhecidos e desconhecidos, escritores estrangeiros e, menos frequentemente, jornalistas que as páginas do seu diário documentam. Morre em Coimbra a 17 de Janeiro de 1995.

A sua obra literária é vasta e inclui títulos como: *Ansiedade* (1928), *Rampa* (1930), *Tributo* (1931), *Pão Azímo* (1931), *Abismo* (1932), *A Terceira Voz* (1934), *O Outro Livro de Job* (1936), *Bichos* (1940), *Contos da Montanha* (1941), *Rua* (1942), *O Senhor Ventura* (1943), *Lamentação* (1944), *Libertação* (1944), *Vindima* (1945), *Odes* (1946), *Sinfonia* (1947), *O Paraíso* (1949), *Cânticos do Homem* (1950), *Portugal* (1950), *Alguns Poemas Ibéricos* (1952), *Penas do Purgatório* (1954), *Orfeu Rebelde* (1958), *Câmara Ardente* (1962), *Fogo Preso* (1976), *A Criação do Mundo* (V volumes) e *Diário* (XVI volumes, 1941 a 1993). A sua escrita espelha os seus tormentos, as vivências enquanto médico e a rebeldia contra as injustiças e os abusos de poder. Faz parte dos objetivos desta tese interpretar a obra do escritor, tendo em vista a importância da medicina na mesma. Como tal, debruçar-nos-emos com mais atenção sobre os *Diários* escritos ao longo da sua vida e que são espelho do seu quotidiano, enquanto médico e escritor, nas suas vertentes de prosa e poesia. São dezasseis volumes, escritos sem descanso durante 60 anos, nas três etapas da sua vida, enquanto jovem, adulto e numa fase tardia, já velho, numa tentativa de se conhecer melhor a si próprio, apesar de num dos seus últimos *Diários* ter desabafado: “Morro sem saber nada de mim”. (*Diário XIV*, 29/11/1984)

III.2 A medicina na escrita de Torga

“É bom isto de ser médico e poeta. São dois a dar.” (14)

“Fica o outro (...), ficas tu, Miguel Torga.

(prefácio de *A Terceira Voz*)

Não são poucas as vezes que Torga compara a medicina e a literatura a uma qualquer “ordem sagrada” da qual fazem parte os homens que “brocam o inconsciente dos padecentes” e que com isso tentam ajudá-los e compreendê-los. Os “monges dentro do hábito branco da bata, professores e laicos” que erram e que, ainda assim, seguram a mão de Deus. Já em *Miranda do Corvo*, onde exerce medicina entre 1934 e 1937,

Torga apercebe-se das oportunidades que esta ordem lhe pode dar em elaborar e desenvolver a sua criatividade poética. (14) (4)

Mas pertencer a este grupo seletivo é também viver “varado de lado a lado por um terror fundo que não diz de onde vem nem para onde vai.”, ver-se obrigado a lidar com o enorme fenómeno da morte, sem a preparação que o curso lhe prometia dar. (14) (4)

Pela obra de Torga, ficamos com a impressão de que Adolfo Rocha não se limitou a tratar os doentes na sua vertente física. O escritor e médico preocupava-se com a psique dos seus doentes, muito embora não fique certo se o terá aprendido com Freud ou com os grandes mestres da literatura. Torga considerava que a melhor maneira de descer às profundezas do inconsciente era “guiado por um poeta”. O escritor dá atenção ao sofrimento alheio e não o julga. Vê nele uma “desgraça a remediar” e não uma “fraqueza a reprovar”. (14) (4)

Para tudo isto, Torga precisava de uma resistência física e psicológica invulgar. Não poucas vezes o diz: “Vencido, mas não convencido”; “Hei-de acabar assim, a dizer que não.” Além disso, alguma artimanha em mentir também o ajuda na profissão. “Minto. Mas de boa consciência. Sei por experiência própria que a esperança é o grande refrigério dos fracos, que são a maioria.” (14) (4)

Adolfo Rocha era um homem sensível, humano, que não desistia do seu paciente, que via nele uma beleza particular que só um poeta poderia apreciar. Não apagou nunca da sua memória os momentos passados no seu consultório e fez por registá-los e refleti-los na sua vida e na sua obra. (4)

Em grande parte do texto torquiano perpassam expressões da Medicina, a propósito das idas a São Martinho de Anta: “Sempre que, prestes a sucumbir ao mobro do desalento, toco uma destas fragas, todas as energias perdidas começam de novo a correr-me nas veias. É como se recebesse instantaneamente uma transfusão de seiva”. (14)

Diz a respeito da sua obra: “ Quando um livro entra na tipografia, é um autêntico parto. Por causa de uma vírgula sou capaz de passar uma noite sem dormir”. “Que insondável mistério é um ser humano (...). Por mim falo. Converso, escrevo páginas

maciças de confissão, actuo, pareço transparente. E quem um dia quiser saber o que fui, terá de me adivinhar”. Esta dimensão insondável da natureza humana perpassa em *Bichos*, estes 14 contos, em que humanos e animais comungam características e também as vicissitudes da vida, pondo questões essenciais sobre a sociedade e a própria existência. Este Clássico da Literatura Portuguesa (1940), uma personagem, um animal humanizado ou um humano que é quase animal e todos vivem em luta com a natureza, Deus ou consigo mesmo. Esta paixão pelo homem, comum também à praxis médica. (14) (4)

III.3 A realidade da otorrinolaringologia nos tempos de Torga

A propósito de Torga e falando do seu carácter mais profundo e da sua personalidade, diz Simone de Oliveira numa ida ao seu consultório em Coimbra com o intuito de autografar a sua antologia poética que tinha comprado a correr:

“(…) E naquela porta, à nossa frente, a tabuleta a dizer ‘Adolfo Rocha, Otorrinolaringologia’. Claro que nós sabíamos que eram a mesma pessoa. Também sabíamos que o poeta não dava autógrafos, por isso fomos bater à porta do médico. (...) Lá subimos aquele primeiro andar de degraus velhos, batemos à porta e apareceu um senhor com uma bata bem comprida, assim, um bocadinho estranho. E nós, sem voz! ‘Então, o que é que vocês querem?’ Pois, como estávamos sem voz... ‘O senhor doutor sabe que nós somos actores e precisávamos que nos ajudasse, porque estamos com uma rouquidão enorme e temos de trabalhar logo à noite, no Teatro Avenida, a fazer a peça ‘A Tragédia na Rua das Flores’ ‘Ai, não tem importância, levam uma injeção de euptolina que isso passa logo.’ Olhámos um para o outro, entrámos, o Vítor lá levou a injeção à boa maneira antiga e eu escapei. Era um consultório velho com montes de medicamentos empilhados a um canto, uma cadeira com um braço partido, um bocadinho insólito...E chegou o momento de pedir o autógrafo. (...)”

in Correio da Manhã, Lembranças de Torga nos serões à lareira – Cultura. 8/8/2007

A seu respeito, escreveu Miguel Torga em *O Quinto Dia* de *A Criação do Mundo*; “(...) E ali passava parte das manhãs e das tardes, sonolento, a atender os raros doentes que a notícia da minha chegada num jornal da terra ia trazendo, a ler e a escrever nos longos intervalos das consultas, enquanto os quartos caíam monotonamente da torre da Sé e a senhora Glória fazia renda ou ponteava na sala de espera.” Esta minha citação refere-se ao consultório onde Adolfo Rocha se instalou a 6 de Julho de 1939 na Rua Comandante João Belo e Largo Marechal Gomes da Costa, em Leiria.

O século XX de Miguel Torga representa progressos na Otorrinolaringologia. A década de 50, em particular, é a década da Otologia. Wullstein é o primeiro a utilizar o termo timpanoplastia, John J. Shea é o primeiro a realizar uma estapedectomia e, em 1957, os primeiros implantes cocleares são utilizados. Em Portugal nasce a Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Bronco-Esofagologia a 27 de Janeiro de 1953. A Otorrinolaringologia do tempo de Torga é vista por J. Clode como “(...) essencialmente clínica e objectiva, vasta e proteiforme, visto o seu campo de acção se estender desde o encéfalo até às vias aero-digestivas.” (3)(17)

Apontamentos finais e Conclusões

A História da Medicina foi feita de caminhadas na escuridão da grande dúvida. A literatura foi, diversas vezes, a candeia que iluminou este desejo de conhecimento. Grandes obras foram escritas por grandes mestres, mas, apesar de serem “grandes” não deixavam de ser humanos. De Hipócrates a Thomas Mann, de Celso a William Carlos Williams, de Vesálio a Torga. Todos eles entenderam a medicina de uma maneira mais objectiva, de construção de conhecimento, ou de uma forma mais subjectiva, de aprofundamento do ser.

Literatura e Medicina são indissociáveis e traçam pontes entre eras e personalidades. A injeção de euptolina de Torga é semelhante à punção lombar do narrador de *Jean Beicke*. As suas ânsias são iguais. Onde traço o limite entre o objectivo e o subjectivo, entre o científico e o emocional? Hipócrates sentia a necessidade de um código de honra. Torga via os médicos como uma ordem sagrada. Galeno era arrogante e vaidoso. Mendel, o famoso geneticista, era um monge agostiniano. Mas ambos partilhavam o seu amor pela medicina, tal como Tolstoi amava a literatura. Medicina e literatura são duas formas supremas de arte, precisam uma da outra, beneficiam-se uma a outra. São simbióticas e obrigatórias.

Refletir sobre a doença e a morte é, como Torga dizia, viver “varado de lado a lado por um terror fundo que não diz de onde vem nem para onde vai”. Esta nossa inquietação com a doença, com o não natural, mas que, como pensava Mann, nos aproxima do divino, com o que nos espera para além da vida, é o motor de toda esta efervescência de vivisseções e dissecações que nos elucidam e instruem e em última análise nos ajudam a lutar contra a doença e a morte. Essa que é uma batalha inglória, penosa e trabalhosa, mas que num futuro, talvez não tão distante, dê frutos imaginados apenas por alquimistas: a juventude, a vida eterna, a pedra filosofal encontrada pelos descendentes de Hipócrates.

Referências Bibliográficas

- (1) Almeida, L. N. (2011) *A Representação da Morte na Obra de Tolstói*, Monografia, São Paulo
 - (2) Charon, R., Trautmann, J. (1995) *Literature and Medicine: Contributions to Clinical Practice*; Annals of Internal Medicine, pp. 599-606
 - (3) Clode, J. J. (2012) *A Otorrinolaringologia Através da História da Medicina*, 1.ª edição, Lisboa: Círculo Médico – Comunicação e Design, Lda.
 - (4) Cymbron, J.M. (2015) *Portugal de Miguel Torga (Um Itinerário em Casa do Orfeu Rebelde)*, Monografia, Porto
 - (5) Heins, S. (2017) *Patients, Prose and Poetry: The Medical and Literary World of William Carlos Williams*, Undergraduate Honors Theses. Paper 1138, Williamsburg
 - (6) Hipócrates (2003) *Aforismos, Antologia*; Alvorada/Martin Claret
 - (7) Mann, Thomas (2009) *A Montanha Mágica*; Lisboa, Publicações Dom Quixote
 - (8) Miskolci, Richard (S.d.) *A Individuação – ou a Cura pela Doença: um Estudo sobre a Doença na Obra de Thomas Mann*, Monografia
 - (9) Saramago, J. (2017) *Ensaio sobre a Cegueira*; Porto: Porto Editora
 - (10) Scliar, M. (1996) *A Paixão Transformada: História da Medicina na Literatura*, S. Paulo: Companhia das Letras
 - (11) Silva, M.I.C. (2002) *Ensaio sobre a Cegueira: Um Olhar que transcende o Olho*; Monografia, Recife
 - (12) Sournia, J.C. (1992) *História da Medicina*; Lisboa: Instituto Piaget
 - (13) Tolstoi, L. (2016) *A Morte de Iván Ilítch*, 6.ª edição, Lisboa: LeYa
 - (14) Torga, M. (1999) *Diário: volumes I a IV*, 5.ª edição, Lisboa: Publicações D. Quixote
 - (15) Williams, W.C. (1932) *The Doctor Stories*, New York: New Directions
 - (16) Williams, W.C. (1967) *Autobiography*, New York: New Directions
 - (17) Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia, (S.d.), Disponível em <URL:<http://www.sporl.pt>
- História da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia, (S.d.), Disponível em <URL:<http://www.sporl.pt/Sociedade/Historia>